

Percursos entretecidos: a docência entre narrativas, autoria e pertencimento

Interlaced routes: teaching between narratives, authorship and belonging

Les routes s'entremêlent: l'enseignement entre les narratives, la paternité et l'appartenance

Adrienne Ogêda Guedes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

adrienne.ogeda@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5632-4539>

Nazareth Salutto

Universidade Federal Fluminense

nazarethsalutto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8043-595X>

RESUMO

Neste ensaio, tecido virtualmente em forma de cartas, trocadas por e-mail, duas professoras do curso de Pedagogia de duas universidades federais, cujos caminhos se entretecem ao longo de percurso formativo de ambas, compartilham e refletem sobre aspectos do fazer docente que diz respeito ao miúdo da experiência de ser professora. Na partilha das narrativas, compreendem o contexto das aulas como da autoria, do fortalecimento dos laços de pertencimento que se constituem no (des)tecer dos sentidos entre produção de conhecimento e sua relação com a vida e a ética. A intenção do encontro entre memórias e escritos foi desvelar escolhas, caminhos, desafios, erros, acertos que as atravessam dia a dia, desde a escolha sobre como organizam os cursos, a como orientam, planejam ações e aulas, e estabelecemos relações com as/os estudantes. Narrativa, experiência, docência, autoria são categorias tangenciadas nesse entrecruzar de vozes, seja das duas professoras-autoras, seja das referências que sustentam e fundamentam seus trajetos.

Palavras-chave: educação; autoria; docência.

ABSTRACT

In this essay, virtually woven in the form of letters, exchanged by e-mail, two professors of the Pedagogy course from two federal universities, whose paths intertwine along the formative path of both, share and reflect on aspects of teaching that concern to the kid of the experience of being a teacher. In sharing the narratives, they understand the context of the classes as authorship, the strengthening of the bonds of belonging that are constituted in the (un)weaving of the senses between the production of knowledge and its relationship with life and ethics. The intention of the meeting between memories and writings was to reveal

choices, paths, challenges, mistakes, successes that cross them day by day, from the choice of how they organize the courses, to how they guide, plan actions and classes, and establish relationships with the/ the students. Narrative, experience, teaching, authorship are categories that are tangent to this intersection of voices, whether of the two professors-authors, or of the references that sustain and underlie their paths.

Keywords: *Education; autorship; teaching.*

RÉSUMÉ

Dans cet essai, virtuellement tissé sous forme de lettres, échangées par e-mail, deux professeurs du cours de pédagogie de deux universités fédérales, dont les parcours s'entremêlent le long du parcours de formation des deux, partagent et réfléchissent sur les aspects de l'enseignement qui concernent les enfant de l'expérience d'être un enseignant. En partageant les récits, ils appréhendent le contexte des classes comme paternité, le renforcement des liens d'appartenance qui se constituent dans le (dé)tissage des sens entre la production du savoir et son rapport à la vie et à l'éthique. L'intention de la rencontre entre les mémoires et les écrits était de révéler les choix, les chemins, les défis, les erreurs, les succès qui les traversent au jour le jour, du choix de la façon dont ils organisent les cours, à la façon dont ils guident, planifient les actions et les classes, et établissent relations avec les/les élèves. Récit, expérience, enseignement, auctorialité sont des catégories tangentes à ce croisement des voix, qu'elles soient des deux professeurs-auteurs, ou des références qui soutiennent et sous-tendent leurs parcours.

Mots-clé: *éducation; création; enseignement.*

Entretecer palavras: metáfora de formação e vida

a noção de consciência histórica é fundamental para compreendermos a experiência em formação

M.C. PASSEGGI, 2011, p. 149

Os alinhavos finais deste artigo se dão nos últimos meses de um ano que nos parece inacreditável. Mas, ao contrário, é bastante crível e materialmente perceptível, sobretudo mediante o acúmulo de informações e produções construídas nesse recorte temporal no qual experimentamos o convívio com uma Pandemia planetária.

Frente a este cenário, retomamos os fios da tessitura de um texto que se pretende conversa, que alinha percursos de vida e formação no constituir-se docente. Ao iniciarmos as partilhas desse projeto em conjunto, a forma se impôs e permitiu a arquitetura progressiva do que desejávamos entretecer. Assumimos o gênero epistolar por revelar-se coerente com o exercício de não apenas entretecer histórias, mas principalmente, reunir os sentidos pessoais e coletivos nesse processo, conscientes de que “entre um acontecimento e sua significação, intervém o processo de dar sentido ao que aconteceu ou

ao que está acontecendo” (PASSEGGI 2011, p. 149). As cartas ora transcritas refletem, assim, a intenção de produzir sentido para o vivido na partilha da palavra, assumindo que, ao reuni-las e torná-las públicas, tornamos possível engendrar trama que dialoga com a crítica social necessária aos processos formativos, uma vez que “as palavras não são apenas uma representação da realidade, mas uma forma de construir uma realidade humana, ou de humanizar a realidade transformando-a em discurso” (PASSEGGI 2011, p. 148).

Marca dos encontros e processos de ambas as autoras, a ficção literária se faz presença entre as cartas, como convite para que o leitor se inscreva e, na trama da leitura, seja provocado a tecer um terceiro tempo que tanto o acolha, quanto o leve a tecer tessituras outras, que acolham a perplexidade de tempos inóspitos.

...

*Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém,
provavelmente a minha própria vida. Viver é uma espécie de
loucura que a morte faz. Vivam os mortos porque neles vivemos¹*

Rio, 26 de março de 2020

Nazareth querida,

Escrevo para você em meio a uma situação muito singular que estamos vivendo, todos nós. Não apenas brasileiras e brasileiros, mas o mundo todo. Não pensei que viveríamos isso, como pensar não é?! Uma pandemia de proporções mundiais que nos convoca todos a repensar as lógicas que têm governado nossas vidas, que dizem respeito a gestão do nosso tempo, ao modo como trabalhamos, a como gerimos nossas casas e relações, as sociais e as familiares. Na nossa realidade de professoras universitárias, temos convivido com um excesso de trabalho. Muitas horas dos nossos dias de professores com Dedicação Exclusiva são dedicadas a orientação de estudantes, coordenação de projetos de ensino, pesquisa e extensão, docência, produção de artigos, leituras/estudo, pareceres para periódicos, congressos, monografias, dissertações, teses... reuniões inúmeras.

¹ LISPECTOR, 1999, p. 13.

Seguimos sempre com a sensação de que não nos sobra o tempo para saborear as experiências, aprofundar os processos, realizar com mais vagar e sabor nossas invenções. Nessa lógica acelerada me parece, sinto assim cada vez mais, que vamos perdendo um pouco da leveza e delicadeza que as experiências reclamam para si. Conversar... se demorar longamente numa leitura que não precisa acabar com rapidez... criar de pouco em pouco... são movimentos dissonantes. Quase impossíveis. E seguimos, atropeladas por uma profusão de tarefas, invadidas por um enxame de informações e demandas que nos chegam de todas as fontes remotas. Redes sociais nos convidam à dispersão. Necessidade de estar em todos os lugares? Saber de tudo um pouco? Do que se trata? Seguimos. Com essa pausa obrigatória da quarentena, vida em suspensão, nos vemos frente a frente com tudo isso e, diante da perspectiva da morte e do futuro, dois dos quatro maiores medos da humanidade, como diz Kaká Werá, é preciso revisitar os sentidos da vida. Para onde mesmo estamos correndo? Já recebo muitos cursos online, reuniões online, vida *on line*. Algo não quer parar e descer. Algo quer continuar...

Mas, esse preâmbulo inevitável, pois, como disse, escrevo em meio a uma situação inédita e avassaladora, me ajuda a contextualizar e afirmar o que sigo pensando sobre os sentidos de estar no mundo. De pensar o trabalho como uma escolha do modo de estar no mundo (escolha que é construção histórica e social, claro). Uma das tarefas realizadas durante a quarentena foi a leitura de uma dissertação de mestrado que versava sobre a inserção de professores de artes plásticas na rede municipal de educação do Rio de Janeiro, intitulada “Professores de artes plásticas ingressantes na rede pública municipal do Rio de Janeiro: sua inserção e estratégias de formação”², de Thaís Spínola Afonseca. O trabalho, cujo tema me é tão caro, sublinha em seus achados a importância do acolhimento nos espaços educativos desses novos professores de artes. Ao serem recebidos, introduzidos delicada e cuidadosamente nos espaços institucionais, se sentem mais seguros, pertencentes. A inserção é, desse modo, experiência que ajuda a que sintam-se mais seguros para iniciar a vida nas escolas. Queria aqui nessa primeira carta que te envio, falar disso que parece tão óbvio... de que modo esse acolhimento se traduz em ações concretas? Como aprendemos e vivemos esse acolhimento em nossos espaços formativos? Eu daqui tenho pensado que a sensibilidade ao outro, a empatia, a escuta e o acolhimento são também dimensões que se aprendem. Que se educam. Não no sentido da educação como algo que se incute em alguém, mas compreendendo que educar é ato de construir,

² Dados completos nas referências deste artigo.

edificar, ações coletivas regidas por princípios de solidariedade, de afeto. Na dissertação a que me referi, a mestranda, agora mestre, destaca a importância do acolhimento para quem está chegando na escola. Mas, penso eu, como professora formadora de professores, em que medida essa perspectiva acolhedora se ensina/vivencia na universidade? Nas nossas aulas, projetos? De que modo descemos dos troncos do saber e nos ladeamos, nos aproximamos dos estudantes e de suas vidas?

Um beijo querida, espero que esteja firme nessa quarentena, encontrando formas de manter alguma calma e serenidade.

Amor,

Adrienne

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar³

Rio, 01 de abril de 2020

Querida Adrienne,

Que alegria receber sua carta. Nesses dias de isolamento físico, o fortalecimento dos diálogos genuínos nesse espaço virtual tem sido um alento. Palavras confortam e acolhem. Como você escreveu, não poderíamos pensar em viver tal situação e a gravidade que ela anunciava sobre todas as sociedades, a humanidade, o planeta. E, esse aspecto – “não podíamos nem pensar” – tem me instigado a refletir sobre o modo como vamos nos acostumando a viver no assoberbamento de tarefas e na pressa do seu cumprimento. Será isso viver? Não podíamos pensar, mas deveríamos, não? Notícias vindas de um país que só conheço pelos livros e pela TV, anunciavam a dramática situação das pessoas que vivem naquele lugar. Não podíamos imaginar, pois estávamos ocupados em viver nossos dias. Agora, com a pandemia instalada no mundo, me vejo a refletir sobre como acreditamos

³ LISPECTOR, 1999, p. 15.

estar protegidos ou distanciados por uma certa imagem de fronteira geográfica que extrapola o mapa de papel e se irradia globalmente. O **nós** e o **eles**, no sentido da distância física faz sentido?

A situação em nosso país já era grave, contudo, suspeito que não pararíamos caso não fosse o avanço da doença e o isolamento que ela impõe. Ao sermos todos obrigados a parar, entramos em relação intensa com nossos (como brasileiros, como espécie humana) problemas. Fomos obrigados a parar, mas muitos ainda não acreditam ser necessário. O por quê? A natureza da ciência e sua relevância no pacto social vem sofrendo diante de campanhas como as de *fake news* há anos. Fomos obrigados a nos isolar, mas muitos não podem, porque isso significa não levar para suas casas o alimento necessário. Fomos obrigados a parar e a olhar, estarecidos, que o governo federal não sanciona projeto político de proteção aos mais vulneráveis. Fomos obrigados a parar e ver, notícia após notícias, o que já sabíamos, mas não nos ocupávamos: vivemos a crise há muito anunciada, provocada pela ruptura das políticas de bem estar social. Fomos obrigados a parar, mas muitos não têm como lavar as mãos, tomar um banho por dia, lavar suas roupas, comer uma refeição decente. Fomos obrigados a parar e olhar para a complexidade e a produção de desigualdade que rege a sociedade brasileira. A Pandemia, me parece, acentua a crise humanitária instalada entre nós faz tempo. Ontem, ao assistir uma matéria de telejornal que falava do aumento de entregas a domicílios por aplicativo, realizadas por autônomos, informais, empreendedores, colaboradores, ou qualquer outro com que se nomeie trabalhadoras/es em condições precárias, lembrei-me do filme “Você não estava aqui” (2020, direção e roteiro de do Ken Loach). Você assistiu? A arte, como sempre, revirando nossos sentidos. O filme não apresenta uma saída, mas cumpre o papel ao ratificar a pergunta: isso é viver?

Em proporções menores (será?), temos acompanhado o que tem sido denominado precarização do trabalho docente; não é de hoje, claro, mas a política dos últimos quatro anos intensifica essa catástrofe. No campo das humanidades, na qual atuamos, nem se fale. Exemplo mais recente foi a portaria publicada no Diário Oficial da União⁴, que retira o

⁴<http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-1.329-de-27-de-marco-de-2020-250263672> “define as prioridades, no âmbito do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), no que se refere a projetos de pesquisa, de desenvolvimento de tecnologias e inovações, para o período 2020 a 2023 [...]Parágrafo único. São também considerados prioritários, diante de sua característica essencial e transversal, os projetos de pesquisa básica, humanidades e ciências sociais que contribuam para o desenvolvimento das áreas definidas nos incisos I a V do caput”.

financiamento público para a produção de ciência no campo das humanidades. Evidente que a portaria foi amplamente criticada e alterada, reincluindo, por fim, as humanidades. O que espanta é: a portaria anterior foi orquestrada e publicada e, somente (e isso não é trivial) sob forte pressão da comunidade científica, foi alterada incluindo novo artigo e caput.

O que o projeto de desmonte não prevê diz respeito à capacidade humana de resiliência, especialmente, no que tange à beleza, à cultura historicamente produzida. Que saudades estou sentindo de dar aulas, de estar com e junto aos alunos e alunas no curso de Pedagogia pensando, brincando, lendo literatura infantil, fazendo perguntas que deslocam a todos nós. Contudo, nesse tempo de isolamento e espera (esperar é um verbo de que gosto muito) tenho me dedicado a revisar os programas das disciplinas, suas perspectivas centrais, minhas intenções como formadora de Pedagogas e Pedagogos. Para tanto, venho retomando leituras de formação, como Hilton Japiassu. No seu livro “Questões epistemológicas”, ele trata sobre epistemologia e ciência, sobre estatuto de verdade em contraposição a uma certa ideia de objetivismo idealista, que não seria o papel da ciência: “a experiência científica não possui uma existência independente. Pelo contrário, ela se constitui como um aspecto da experiência humana global”⁵. Se a ciência vem sendo severamente atacada, falsas interpretações irrompem nas mídias e discursos sociais. E nossa posição tem sido enfrentar descrença com ciência e afeto. Seriam apostas para novas epistemes?

Me estendi nos escritos, querida. Precisava elaborar inquietações e um certo pessimismo, que estranho, pois gosto do otimismo, de pensar nos dias melhores que podem vir... Enquanto escrevia a ti, lembrei-me daquele livro da Léa Tiriba⁶ e firmei-me no desejo de manter certa alegria. Para tanto, tenho cuidado das plantas, do sono, do corpo, da mente...

Com carinho e o desejo de que logo possamos nos abraçar,

Naza

Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-1.329-de-27-de-marco-de-2020-250263672>

⁵ JAPIASSU, 1981, p. VII

⁶ TIRIBA, Léa. Educação Infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.

...

*Quero escrever esqúalido e estrutural como o resultado de
esquadros, compassos e agudos ângulos de estreito enigmático
triângulo⁷*

Rio, 02 de abril de 2020

Naza querida,

Que bom ler sua carta... sempre gostei tanto tanto de cartas, não sei se já te disse isso?! O gosto, acho eu, tem algo a ver com isso de ser junto, sabes? De escutar, ser escutada. Esse ritual de se dirigir ao outro. Ser vista, dar a ver. E ver. Além de toda a beleza que é possível conter nas missivas: as palavras escolhidas, o tipo de letras, os papéis das cartas físicas... e a sua carta me trouxe esse prazer de ler você, pensar junto sobre tudo isso que estamos vivendo e as implicações para o campo da educação de modo especial.

Pensar nesse meu gosto pelas cartas me traz um princípio que tenho entendido ser central também na docência: se dirigir ao outro. Escutar e ser escutado. E tudo o que podemos construir nesse sentido. Tenho pensado que esse sentido de pertença, de acolhimento, passa também pela materialidade. Pela forma com organizamos o espaço físico da sala de aula, pelos rituais que criamos para receber os estudantes. Para a forma como percebemos os estados de ânimo deles quando chegam à universidade. Sabe aquelas produções que você fez para presentear os estudantes da disciplina que deu no semestre passado? É disso que falo. De como consideramos que a percepção de ser acolhida/acolhida se constitui na relação professor-estudante.

Essa dimensão que vou chamar aqui de física, costuma ser pouco evidente. Não é assunto de pesquisa me parece. Tenho me debruçado sobre esse tema com meu grupo de pesquisa na disciplina Corpo e Movimento. Acho que falei um pouco na minha outra carta, ao comentar sobre a dissertação de mestrado que lia naquele momento, sobre o aspecto levantado pela mestranda que dizia respeito a como a arte nas escolas (e nos espaços de formação) era evidentemente secundarizada, inclusive arquitetônica e materialmente. Sem espaços físicos propícios às atividades de criação, sem materiais. na universidade não

⁷ LISPECTOR, 1999, p. 16.

é diferente. Quão poucas são as salas dos cursos de Pedagogia que dispõem de, ao menos, uma pia para o trabalho com tintas e afins... um chão livre para o corpo se espalhar. são escolhas. Ainda que subliminares, pouco claras. Mas sabemos bem que as práticas estão sempre conectadas a determinadas concepções de mundo, de docência, de escola, de formação.

Pensando nisso, ontem ouvi um *live*⁸ de Paulo Focchi e Bianca Stockler⁹ sobre a situação das crianças da Educação Infantil em tempos de quarentena. O papo foi extenso e trouxe muito boas reflexões para nós que militamos na área. Uma delas se liga ao que estava abordando... à parada forçosa que a pandemia impõe, surgem reações de manutenção de uma lógica da produtividade. Daí uma infinidade de receitas de brincadeiras, de tarefas para “ocupar as crianças”. No caso das crianças que estão nas escolas particulares, há também a perversa relação de mercado que se coloca. Os pais não querem pagar sem receber um produto. Professores temem o corte de seus salários e respondem a demanda de produção para garantir seus empregos. Na escola pública, a parada obrigatória desassistiu as crianças que dependiam – essa é a realidade de muitas de nossas crianças - das escolas para se alimentarem. Em determinado momento Focchi comentou: “Eu não sei vocês, mas com a morte nos rondando não me sinto animado para ser tão produtivo”. Daí pensar, nesse momento em que o que está em xeque é a nossa vida, nossa saúde, a saúde da população, aqui e no mundo, como lidar com essas relações espúrias que o modo de vida capitalista naturalizou? Como nos contrapor a isso e entender que é preciso outra abordagem? Pela vida. Pelo afeto.

Parece que círculo então pelo mesmo ponto aqui nessa carta. Como escutamos o outro em suas necessidades? Que medos nossas crianças agora estão sentindo? E as famílias, desacostumadas a tanto convívio e proximidade, como estão enfrentando os desafios da proximidade? E as famílias empobrecidas e suas necessidades? E os professores, que passam agora a sofrer múltiplas tensões, somando-se a elas o receio de perder seus empregos? Ou seja, como escutamos? Como chegamos no outro?

⁸ Lives são encontros que se dão nas redes sociais, especialmente Instagram, em que alguém aborda algum assunto ou ministra uma aula, faz uma receita ou o que quiser compartilhar, em uma hora estabelecida a que as pessoas têm acesso a participação.

⁹ “Crianças, pais e educadores em isolamento: questões para pensar. 2020. Disponível em: https://youtu.be/frWcL17h_k8 Último acesso em: abril de 2020.

Querida, eu insisto num movimento que talvez não seja necessariamente otimista, mas, resiliente. Oscilo, claro, humana que sou, mas tem uma pulsão de vida que me move a buscar caminhos. Frestas. Fontes de nutrição neste momento de perplexidade. O diálogo e a criação são duas boas fontes. E o diálogo com você acende luzes aqui dentro.

Um beijo com vontade de continuar essa conversa

Adri

...

Em cada palavra pulsa um coração. Escrever é tal procura de íntima veracidade de vida¹⁰

Rio, 12 de abril de 2020

Querida Adrienne. É com saudades que te escrevo esta carta.

Já faz tempo desde a última que te mandei. O tempo do pensar não anda coordenado com o do agir. Tenho refletido bastante sobre isso. Nesse tempo de isolamento e trabalho em casa, vejo-me impactada com o volume de conteúdo disparado nas mídias sociais: *lives*, artigos, informes, notícias, notícias, notícias... Confesso que não dou conta de tudo e, por vezes, sinto-me aflita, pois, antes desse período, encontrava-me numa rotina altamente produtiva. Como, então, agora com tecnicamente “mais tempo”, não consigo dar conta de tanto? Bom, talvez o tempo é que estivesse mal administrado e/ou distribuído no meu circuito de viver... De todos nós, acredito. Bom, levando esses pensamentos e sentimentos em consideração, estou assumindo que posso tecer escritos mais plasticamente, mais demoradamente.

Li um texto curtinho do Bruno Latour (2020) - *Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise* - que, finalmente, me impulsionou para o que eu gostaria de contar a você nessas cartas que trocamos nesses dias. Gostei tanto da ideia de imaginar gestos! Imaginar como base de uma possível reinvenção dos modos de viver. Por que não? Do

¹⁰ LISPECTOR, 1999, p. 17

Latour e de sua carta, tomei de empréstimo a ideia de “imaginar gestos”, da sua última carta, a expressão “abordar”, que me levou ao bordado, bordar, bordas. Decidi, portanto, contar a você sobre uma experiência docente que vivi no primeiro semestre de 2019.

O currículo da FeUFF¹¹ tem um componente chamado “Atividades Culturais”. Atrativo não? Quando lá cheguei após o concurso, em 2018, tomei conhecimento, fui escutando as experiências dos colegas e, quanto mais escutava, mais desejava propor uma disciplina (nem chamaria como disciplina, porque fissura essa estrutura). Tecnicamente, trata-se de uma atividade livre, aberta para proposição de temas do interesse docente que, de preferência, não seja curricular. Precisa, claro, de certo contorno como ementa, bibliografia, plano de curso, mas, o tema em si, pode agregar certa liberdade. Bom, como sabes, entre outras coisas, sou costureira. Além da costura, também amo livros e literatura. Pois bem, reuni duas alegrias e propus uma disciplina chamada “Artesanias das mãos e literatura”, cujo principal objetivo era ler leitura literária e costurar na trama dos encontros. Esse era todo meu plano naquele 2019, mas, o que vivi como experiência de vida, reunindo essas duas linguagens e gentes na universidade, foi algo arrebatador! Revisitando essa experiência, lendo sua carta e o Latour, decidi que será em torno do que vivemos, eu e a turma naquele 2019.2, que centrarei as narrativas das próximas cartas.

Bom, como te falei, a proposta da Atividade Cultural envolve certa liberdade e, sustentada por esse princípio, reuni os livros que gostaria de compartilhar com a possível turma, além da máquina de costura (sim, eu a levava toda semana para a xxxx!), linhas, agulhas, tecidos, tesoura, fita métrica. Sério, eu não podia acreditar que levaria uma máquina de costura para a xxxx!!! Divulguei a proposta entre estudantes e alguns colegas. Quando iniciamos, éramos cinco pessoas. Depois descobri que muitas pessoas não se inscreveram porque não entenderam como o curso seria articulado... Mal sabiam que eu também descobri vivendo com aquele grupo que, com o passar de duas semanas passou de cinco para oito e, assim, construímos uma ‘pequena comunidade de leitoras-costureiras-bordadeiras-contadoras de causos’.

Começando lá do incincho de tudo.

Preparei o curso “Artesanias das mãos e literatura” antes do semestre começar. Para tanto, fui a dois autores que me ajudaram na construção da urdidura (na próxima carta vou contar um pouco sobre nossas conversas sobre a estrutura do tecido): Walter

¹¹ Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

Benjamin, em especial no texto “O narrador”; Richard Sennett e seu “O artífice”. Benjamin afirma algo que nos atravessou durante todo o semestre: “A alma”, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto...” (BENJAMIN, 1996, p. 220).

Veja: alma, olho, mão, artesanias, literatura, narrativas, tecidos, pessoas... Revisitando o contexto hoje, puxando da memória e dos registros que construímos, me vinculo à reflexão proposta pelo Latour: nesse momento em que somos indagados pela emergência da vida, faz-se necessário inventar novos gestos, interromper outros. A vida, nessa urgência, parece solicitar com urgência uma reinvenção.

Iniciei um percurso que não podia imaginar onde me levaria. Sem consciência imediata, reuni no mesmo baú histórias de minha infância, quando aprendi a costurar, com o processo de formação que me levou à docência no Ensino Superior. Estava tão, mas tão motivada, inspirada a iniciar e deixar-me conduzir pela própria experiência desse fazer docente.

Tudo pronto numa grande bolsa que atravessou a ponte Rio-Niterói¹² durante 15 encontros. Era chegado o dia de começar. Que emoção, nervosismo, alegria, excitação!!!

Lá fomos nós cinco (nos primeiros dias)... A sala que nos foi destinada ficava no prédio da... Estatística!!! “Começamos bem: numa sala inóspita das ciências duras” pensei à época. Mas, como bem disse uma das integrantes da turma Artesanias, até essa sala fez sentido! Quem separa e classifica ciência e vida é o homem. E somos nós, como pessoas, que temos capacidade de reinventar classificações e lógicas. Foi o que fizemos!

Na próxima carta, continuo essa narrativa.

Agora, vamos preparar um almoço aqui em casa. Espero que, por aí, esse domingo de Páscoa seja de amor, união e alegria!

Por novos GESTOS...

De abraçar

De beijar

De acolher

¹² Ponte Presidente Costa e Silva.

De cheirar
De sentir
De tocar
De repelir
De recolher
De encontrar
De tecer...

Com amor,

Naza

...

*Tudo o que aqui escrevo é forjado no meu silêncio e na penumbra.
Vejo pouco, ouço quase nada. Mergulho enfim em mim até o
nascido do espírito que me habita¹³*

ABRIL, 15 de 2020

Querida, como é bom ler suas cartas... presentinho do dia, sempre. Célia Linhares, educadora querida que foi personagem da minha tese de doutorado, usa uma metáfora de que gosto muito. Ela fala que algumas ideias nos “coçam”. E o contexto em que ela fala isso é muito divertido pois ela dizia que lia com atenção um determinado autor, que suas ideias eram muito bem construídas, mas que elas não a faziam coçar. Algo assim, é o que me lembro.

Sobre o tempo e a percepção que temos dele que você traz na sua carta, tenho estado atenta a como o ritmo de fábrica está internalizado na gente. E que é muito presente na nossa vida acadêmica, que estimula o excesso de produção, expresso nas lógicas de avaliação, de progressão funcional e, muito fortemente, na cultura universitária.

¹³ LISPECTOR, 1999, p. 17

Estamos sempre atarefadas, com a sensação de que devemos algo. Aceitando inúmeros trabalhos, lendo com pressa. Escrevendo apertadas em meio a prazos igualmente apertados, comendo o que for mais fácil ou prático, dormindo menos do que gostaríamos. Lógica que vai se naturalizando e deixando a todas nós exauridas. E exaustas seguimos. Sem olhar, tantas e tantas vezes, para o céu. Sem encontrar tempos mais dilatados para viver com vagar. Isso de se deixar contemplar... de fazer as coisas, como você disse, “plasticamente”. Curiosamente eu havia te enviado ontem, quando ainda não tinha lido sua carta, um artigo de Aisha Ahmad cujo título convida a coceiras, “Quarentena: porque você deveria ignorar toda a pressão para ser produtivo agora”¹⁴. A pesquisadora, com experiência em ambientes adversos, dá conselhos em seu artigo para os acadêmicos ansiosos com a quebra de rotina pelo coronavírus. Gostei muitíssimo das questões que ela nos traz... e que, em sintonia com o que tenho pensado e lido de outros autores que acompanho nesse período, convocam a pensar numa transformação radical que essa pandemia já trouxe. “As coisas não vão voltar a ser como eram”, e céus, isso é / pode ser muito, muito bom! Gosto de pensar que isso pode se concretizar, nas perspectivas de mudança de dinâmica social que tudo isso pode trazer. Talvez vá aqui um otimismo esperançoso... já te disse que sou dessas... Pelo o que li do artigo do Latour que me indicou (já li vários trechos aqui e gostei muitíssimo), acho que é disso que se trata não é?! Afinal, como essa experiência de suspensão das rotinas, de parada obrigatória (contrariando as certezas que nos afirmam que é impossível parar a roda...) nos impacta? O que queremos fazer de nosso tempo? O que é prioridade e o que não é?

Mais do que nunca, precisamos abandonar o performativo e abraçar o autêntico. Modificar nossas essências mentais exige humildade e paciência. Mantenha o foco nessa mudança interna. Essas transformações humanas vão ser sinceras, cruas, feias, esperançosas, frustrantes, lindas e divinas – e serão mais lentas do que os acadêmicos atarefados estão acostumados. Seja lento. Permita-se ficar distraído. Deixe que isso mude o modo como você pensa e como você vê o mundo. Porque o nosso trabalho é o mundo. Que essa tragédia, enfim, nos faça derrubar todas as nossas suposições falhas e nos dê coragem para ter novas ideias (AHMAD, 2020).

Quero me permitir ficar distraída e deixar que dessa distração, surjam as expressões autênticas... o genial Paulo Leminiski diz que “Distraídos venceremos”, seria

¹⁴ no site <https://www.chronicle.com/article/why-you-should-ignore-all-that-coronavirus-inspired-productivity-pressure/>

esse o sentido? Uma distração que abre mão do controle dos tempos e se permite saborear as experiências sem querer aprisioná-las sofregamente? Às vezes penso que a pesquisa pode sofrer com isso, sabe? Na pressão por produção nos apressamos a fechar processos que podem precisar de mais tempo para fermentar... enfim, reflexões.

Gostei muito de saber um pouco mais da sua experiência docente que misturou costura e literatura. Que beleza XXX! A costura tem essa qualidade, não é?! Não se pode ter pressa. Os acabamentos exigem um cuidado com os detalhes... o resultado não é imediato. Há tantos aprendizados nisso que fazemos com nossas mãos, sentidos alertas. Deve mesmo ter sido experiência potente! Me deu vontade de partilhar com você também um pouco das minhas experiências. Aquelas que se aproximam das questões que temos tratado aqui nas cartas: afinal como nossas aulas têm se constituído em oportunidades de encontros efetivos, em que os estudantes possam encontrar espaço para expressão das suas autenticidades? Se sintam parte, menos atropelados por uma lógica da resposta rápida, o excesso e mais convidados a reflexão, a criação, ao auto estudo? Isso me interessa em especial.

Tenho me dedicado há alguns anos a pensar o que chamamos, eu e meu grupo de pesquisa, de Educação Estética ou Educação do sensível. Vamos revisitando os sentidos que essa educação tem para nós, e nos perguntando sempre afinal o que é isso que queremos fazer quando afirmamos a necessidade de uma educação estética? Se as nossas sensibilidades mudam e são alteradas pelas experiências, de que modo hoje podemos pensar nessa educação estética? É possível se ensinar a ser sensível? Ou de outro modo, se trata de encontrar caminhos que convidem a sair das anestésias que nos são impostas? Buscando então as estesias? Quero falar um pouco sobre isso com você, mas, ao invés de te contar dos autores e estudos que temos trilhado para pensar isso, quero te contar da primeira (e última aula antes da quarentena) com a minha turma de Corpo e Movimento do noturno. Parece até meio premonitório, mas tivemos uma aula tão forte... de tanto encontro e troca. Algo acontece quando nos pomos em movimento. Há uma conexão entre os estados psíquicos e suas somatizações que tem me interessado muito. Quero te contar disso... mas numa próxima carta. (aqui na quarentena tem sido momento de muita culinária, estou cozinhando muito e com gosto e hoje a noite teremos uma sopa caprichada. Vou lá para o jantar).

Um beijo carinhoso amiga, seguimos.

Adrienne

...

Às vezes a sensação de pré-pensar é agônica: é a tortuosa criação que se debate nas trevas e que só se liberta depois de pensar – com palavras¹⁵

Rio, 28 de abril de 2020

O que queremos fazer de nosso tempo? O que é prioridade e o que não é?

Querida Adrienne. Espero que esta carta a encontre bem, com “esperança e otimismo”, marcas do seu estar no mundo. Que bonito se reconhecer e caminhar no esforço de manter-se nesse estado de espírito.

Eu sou sagitariana dupla: sagitário com ascendente em sagitário (mais lua em leão). O que isso quer dizer além de nomes e casas astrológicas? Sempre escutei que se trata de uma conjunção que acentua o otimismo, a fé na vida, na beleza, na força do fazer (isso é de sagitário e reconheço esse traço em mim, é verdade). Contudo, não é o que tenho experimentado no sentir. E, estranho, algumas vezes, me desconheço, porque me sei/sabia otimista.

Esta carta, inclusive, demorou muitíssimo para sair. Venho tecendo essa resposta há longos dias. É curioso, pois as palavras estão aqui, sei acioná-las (para respostas à e-mail não tenho problema algum com o tempo da escrita), mas, o que eu tenho gostado de fazer com as palavras nas cartas endereçadas a ti, não estava fluindo nos últimos dias...

Voltei à sua última carta. Reli algumas vezes, encontrei-me com as suas próprias palavras, saboreei-as, absorvi-as. Me demorei nessa frase, que trouxe como epígrafe: “o que queremos fazer do nosso tempo?”. Gostei, em especial porque a indagação aponta para o futuro. Com relação ao passado, bom... sabemos o que estávamos fazendo do nosso tempo. “O que queremos fazer do nosso tempo?”

É curioso, pois, tenho resposta que envolve mil e um fazeres, ou seja, fazer do tempo produto, transformar o tempo em ação de fazer. Costurar mais, me dedicar ao bordado, à yoga, a aprender outra língua... Quase tudo o que faço – com mãos e pensamentos – resulta

¹⁵ LISPECTOR, 1999, p. 18.

num produto, ou numa ação que pode ser medida... Para a pergunta que você lança, nunca me vem à mente responder algo como “fazer nada!”. Estou rindo agora. Também me lembrei do Mario Quintana, que diz “O mistério está é em tua própria vida[i]”... Eu almejo a plasticidade do tempo; não para dilatar o tempo para nele caber mais coisas, mas, sim, para experimentar o que é esse “passar do tempo”. Curiosamente, as atividades domésticas favorecem, em certa medida, essa relação: acordar, preparar o café, tomar café, lavar a louça, pensar a prévia do almoço, trabalhar um pouco, seja no ofício profissional, seja em alguma demanda doméstica, preparar o almoço, lavar a louça... E, assim vão-se os dias: “Nossa, já são 19h?”, comentamos entre nós... Lemos um pouco de literatura, conversamos mais um pouco e, “Nossa, já são 22h34m?”. E, assim, vão-se os dias. Seria essa uma experiência de viver o passar do tempo? O que temos feito é viver o dia e o que nele cabe. Então, será isso? Essas ações cabiam espremidas em nossa vida de casal pré-pandemia, com exceção dos finais de semana, quando tínhamos o acordo de fazer o que agora é rotina. Não tem a pedalada até à praia, nem a caminhada até à feira, ou o almoço para a família (o que ocupava todo um fim de semana), mas, tem uma experiência de viver a casa e sua rotina, a dois. Temos saudades de algumas atividades? Certamente. Contudo, temos conversado sobre como faremos para manter esse desenho de rotina num pós-pandemia que ainda não sabemos quando terminará. Seria essa uma experiência de viver o passar do tempo?

Na última carta que te escrevi, comecei a te contar sobre a experiência com a turma “Artesanias das mãos e literatura”, Atividade Cultural que ofereci em 2019.1, na FeUFF.

Eu contei que nossas aulas aconteciam no prédio onde ocorrem as aulas de Estatística? Nós sempre brincávamos como era curiosa essa metáfora do espaço e sua função. A princípio, nenhuma relação entre costura e estatística, pensávamos nós. Até que em um dos encontros, Isis, uma das integrantes da turma lembrou, brilhantemente, que nós estávamos era no lugar certo, uma vez que nós fazíamos muitos cálculos, eles apenas envolviam outras materialidades e, o foco do cálculo, era a produção de uma peça ou, ainda mais fundamental, do desejo de aprender a costurar. Gostei tanto que, quando ofertar novamente essa Atividade (que saudade estou de dar aulas!), penso em solicitar ficar no prédio da Estatística de novo. Agora, de propósito!

Você sabe que muitas vezes, quando estávamos envolvidos em nossas tarefas manuais e de leitura, nos percebíamos sendo observadas (éramos somente mulheres no grupo) por olhares atentos, vindos do prédio da Matemática. Eram como pequenos desvios... Um olhar distraído da aula de Matemática a observar aquele grupo de mulheres que revirava tecido, lia, conversava, cortava, cosia, bordava, ria, chorava... Nós começamos a nos sentir orgulhosas dos olhares que recebíamos, desses desvios que, em alguma medida, confirmavam a bonita subversão que era aquilo tudo: máquina de costura, tubos de linha, agulhas, tecidos, lanche, livros e gente.

Eu gostava do que aprendia ali, no momento, nos diálogos tecidos espontaneamente, nos muitos gestos que alinhavavam a dinâmica daqueles processos. Embora com liberdade (de ementa) para conduzir o curso, eu tinha uma pergunta guia durante o curso e perdura agora: como será viver uma experiência de aprendizado atravessado pela atividade manual? O que temos aprendido sobre tempo, infância (não era o foco, mas foi incluída conforme desdobramento do curso), docência, experiência? Durante as aulas (aproximadamente três horas e meia por semana), nós conversávamos muito. Era a vida em cena, não tinha roteiro. Era muita riqueza! De modo que pedi as integrantes do grupo que, a cada final de aula, ou, durante a semana, fizesse e compartilhasse um pequeno registro do vivido, o que emergisse da vontade, da força do que fora vivido. Os escritos se tornaram nosso diário do WhatsApp. Tanta lindeza em conjunto... Os registros foram constituindo margem àquelas perguntas-guia que eu fazia... Estávamos, sim, aprendendo sobre aprender num outro tempo. A questão, estávamos todas de acordo, era que, como não havia “avaliação pré-estabelecida” para a proposta, o aprender fluía sem pressão. Se houvesse uma “prova” de costura ou de bordado, poderia ser diferente? Acreditávamos que sim. O que construímos, aprendemos, partilhamos naquela sala do prédio da Estatística passava por outra dimensão do aprender? Por que? De minha parte, continuava a indagar: mas, seria possível adotar esse modelo artesanal (não sei se é bem isso, mas aqui nomearei desse modo) para outras disciplinas? Fiquei meses imaginando como seria fazer algo parecido em Educação Infantil, por exemplo.

Certa vez, vivemos uma situação muito interessante.

Nos primeiros encontros, fascinadas que estávamos todas, fazíamos muitos registros audiovisuais (só do meu celular foram mais de 200. Há muitos outros!). Gestos, materiais, cores, texturas, processos cuidadosamente capturados! Certo dia, talvez entre quinto/oitavo encontro, não lembro ao certo, em dado momento, percebi algo ainda

inédito até aquele momento: estávamos TODAS em silêncio, (sub) imersas em seus (a) fazeres em boa parte da dinâmica. Alguém bateu à porta e uma voz gentil perguntou: “Já estão saindo?”; Nos olhamos com surpresa entre nós e para nosso interlocutor, até que alguém lembrou de olhar o relógio: “Gente, já são 19h, já é hora de arrumar a sala!”. Em dois tempos, o silêncio “ensaia dois passos de dança”, deu adeus e foi-se embora! O vozerio das mulheres ocupou o espaço e, em mais dois tempos, sala arrumada, tudo guardado e o espaço voltou a ser a sala da Estatística. Naquele dia, fabulei sobre o que pode ser o tempo artesanal do aprendizado, algo próximo a silêncio + imersão (inteireza na ação executada). Nos esquecemos de fazer fotos, ou, a confiança construída, partilhada naquele tempo-espaço nos permitiu viver a experiência artesanal do aprender? Naquele dia, registrei em nosso diário virtual: “[...] Entramos no tempo da tessitura, da conversa, da fabulação sobre o artesanal e sossegamos a câmera do celular. Mais tarde, também, ao me reencontrar com Richard Sennett (2009), ocorre-me que “podemos alcançar uma vida material mais humana, se pelo menos entendermos como são feitas as coisas” (p. 18).

Agora, revisitando a experiência, reafirmo o vivido, mas, compreendendo de modo talvez mais assertivo que, “essa vida material mais humana” não diz respeito à utopia. Ocorre que temos violado a ação do tempo – material, imaterial, humano, natural – e, sem frearmos, temos sofrido como espécie humana, as consequências nefastas do que temos construído. Decifra-me ou te devoro, era a consigna da Esfinge. Não é que ela tinha razão?

Vou ficando por aqui, querida Adri.

O almoço está no fogo.

As palavras parecem fazer sentido e, por isso mesmo, endereço-as a você.

Espero que elas te encontrem bem. Otimista. Esperançosa!

Com carinho,

Naza

...

O instante já é feito de fragmentos¹⁶

¹⁶ LISPECTOR, 1999, p. 20.

Rio, 28 de abril de 2020

Querida Naza, posso te dizer de novo da delícia que é ler-te?! Reafirma-se em mim a confiança na potência do encontro, mesmo a distância, das palavras, dos afetos, dos sentidos que vamos construindo no diálogo. E fico aqui pensando... não é disso, afinal, que se trata o ato educativo?! Um cruzamento de sentidos que vão se constituindo nos diálogos entre as pessoas que ao afetarem-se mutuamente, vão se edificando? Aprendo sempre tanto e tanto com o outro, com o que me escapa ao controle e ao planejamento prévio... na sua carta você comenta sobre isso, sobre o que ia aprendendo no processo das artesanias com suas estudantes. Mas me parece também que aprender exige também uma abertura para o outro e para o que ele traz que te desloca. Que te tira das certezas...

Aliás, esse movimento das cartas nos convida a esse deslocar e mover juntas, não acha? A intenção de discutir um tema em especial, que planejamento quando pensamos nesse artigo em forma de cartas, vai se espraiando a partir do que vivemos, pensamos provocadas pelas escritas uma da outra... e o que vai surgindo dessa coisa viva que é o encontro é sempre algo que não se pode prever inteiramente. Sim, o tema está aqui e pulsa forte, a docência e o que temos construído em nossos percursos é a estrutura óssea de nosso corpo-texto, mas músculos e carnes vão se moldando a partir dos movimentos, nutrições que a experiência da vida vem nos trazendo.

E sobre experiência da vida... vivemos algo muito inédito, difícil, imprevisto e para o qual não sabemos ainda muito o que pensar. Hoje, nas minhas contas, é o 44º dia da quarentena. As informações jorram em profusão. Parece que as coisas vão se ajustando para que a lógica do excesso de produção continue. Muitas *lives*. Muitas reuniões virtuais. Muito tudo. Vamos tentando dar um ritmo de normalidade às nossas rotinas. É preciso. Muitas coisas interessantes também emergem disso tudo. Uma rede de solidariedade incrível que envolve ajudas a grupos desassistidos... artistas fazem shows aberto em suas páginas nas redes sociais... professores oferecem aulas também abertas... todos querem falar algo, enunciar-se e quando acesso o *Instagram*, por exemplo, inúmeras *lives* se abrem. O desejo do outro parece gritar alto. Queremos ser ouvidos. Queremos ouvir, queremos elaborar em conjunto o que estamos vivendo.

Você estranha não estar tão otimista como costumeiramente se reconhece. Mas é tão difícil não nos afetarmos com a dureza desse momento para uma população como a de nosso país, em que a miséria, a fome, a falta de saúde e moradia trazem uma face ainda

mais terrível para a pandemia... Mas é estranho, sabe? Eu não sei se é exatamente otimismo o que eu sinto... acho, talvez até já tenha te dito isso de alguma maneira e esteja me repetindo aqui, que se trata mais da tal pulsão de vida. Um impulso de se agarrar ao ar, a terra, a beleza, ao afeto, a vitalidade como forma de não sucumbir a dor de viver, a dor do próximo... me dedico febrilmente a cuidar da vida e da casa. Recebo convites de amigos bailarinos lindos para com eles participar de práticas corporais diversas... e isso vai me dando uma estrutura – olha essa palavra aí de novo voltando – um corpo que possa reagir às intempéries.

Queria falar um pouco mais dessa dimensão da corporeidade, que tem sido tão importante no meu trabalho e que nessa quarentena tem sido meu chão. Mas vou te falar numa próxima carta. Ah, comecei a ler o Sennet, te disse? Muito bacana. Ando flanando em várias leituras sem finalizar nenhuma. É bem como disse, quando vejo já são 22 horas... entre panelas, panos de chão, aulas de corpo, algumas leituras, um pouco de meditação, chamegos nos gatos e nos humanos que habitam comigo... quero te falar, com calma, dessa experiência de que o que nos acontece no corpo pode ir nos afetando mais profundamente, convidando a deslocamentos e aprendizados pelo movimento, pela experiência. Talvez um pouco como o que fala sobre a experiência da costura... algo acontece ali, uma forma de aprender pelo fazer... isso merece um olhar detido.

Carinhos e carinhos para ti,

Adri

...

*Quando fechardes as últimas páginas deste malogrado e afoito e
brincalhão livro de vida então esquecei-me¹⁷*

Novembro, 2020

Para aquelas/les que nos leem

De março a novembro nos endereçamos correspondências na tessitura de um diálogo que intentou tramar sentidos de formação, no acolhimento das dimensões do

¹⁷ LISPECTOR, 1999, p. 21.

sensível. Se, em março fomos sobressaltadas pela imprevisibilidade das consequências provocadas pela Pandemia da Covid-19, em novembro estamos certas de não termos respostas definitivas com relação ao cenário que atravessamos e, cujo horizonte, não estabelece fronteira assertiva. Iniciamos imersas no revisitar de nossos percursos, tornando possível entretecer e ratificar as apostas que nos (re)une.

Para o acabamento provisório deste artigo, tomamos a decisão de escrever, a quatro mãos, uma última carta, escrita no sabor do tempo vivido, contrariando as lógicas de aceleração que impõe prazos nem sempre tão afinados com o que se passa conosco. O que endereçamos a nós mesmas como parte de processo (auto) reflexivo, buscamos convidar àquelas/es que nos leem a percorrer como possibilidade formadora, formativa. Escutar a nós mesmas, tornou possível ratificar o que nos formou e, por ora, constituiu nossas apostas no tecer formações: conhecimento científico, rigoroso e sério, pode ser forjado no esforço do diálogo e do encontro que redimensiona as experiências, porque faz da narrativa espaço-tempo da reflexão.

Adrienne e Nazareth

Referências

AFONSECA, Thaís Spínola. Professores de artes plásticas ingressantes na rede pública municipal do Rio de Janeiro: sua inserção e estratégias de formação. Orientadora: Maria das Graças Chagas de Arruda Nascimento. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

AHMAD, Aisha. Quarentena: porque você deveria ignorar toda a pressão para ser produtivo agora. 2020. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2020/04/22/quarentena-porque-voce-deveria-ignorar-toda-a-pressao-para-ser-produtivo-agora/> Último acesso em novembro de 2020.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

JAPIASSU, Hilton. Questões epistemológicas. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

LATOUR, Bruno. Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. 2020. Disponível em: http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/P-202-AOC-03-20-PORTUGAIS_2.pdf. Último acesso em novembro de 2020.

LEMINSKI, Paulo. Distraídos venceremos. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida. Rio de Janeiro: ROCCO, 1999.

PERCURSOS ENTRETECIDOS: A DOCÊNCIA ENTRE NARRATIVAS, AUTORIA E PERTENCIMENTO.
GUEDES, ADRIANNE.O.; SALUTTO, NAZARETH.

PASSEGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

SENNETT, Richard. O Artífice. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Adrienne Ogêda Guedes, Nazareth Salutto*

Submetido em 24/11/2020

Aprovado em 14/04/2021

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)